

## SAUDADE / 2011

Um filme de KATSUYA TOMITA

*Realização:* Katsuya Tomita / *Argumento:* Katsuya Tomita, Toranosuke Aizawa / *Direção de fotografia:* Takako Takano / *Direção de arte:* Hiroshi Imamura / *Montagem:* Takako Takano, Katsuya Tomita / *Som:* Iwao Yamazaki / *Música original:* Stillichimiya / *Assistente de realização:* Kentarô Kawakami / *Interpretação:* Tsuyoshi Takano, Hitoshi Ito, Dengaryu, Deejai Paweena, Ai Ozaki, Chie Kudo, Dennis Oliveira de Hamatsu, Ieda de Almeida Hamatsu, Yusuke Noguchi, Shinji Murata, Tomohito Nakajima, Yota Kawase, Stillichimiya (Young-G, Big Ben, MMM, PONY, mestar, KTY, maro), Fabio Yuji Mori, Fabio Shimazaki.

*Produção:* Kuzoku (Japão, 2011) / *Produtores:* Kotaro Date, Satomi Tomita / *Produtor executivo:* Takayuki Sasamoto / *Cópia:* DCP, cor, falada em japonês, tailandês e português, legendada em inglês, japonês e eletronicamente em português / *Duração:* 167 minutos / *Estreia mundial:* 12 de agosto de 2011, Festival de Cinema de Locarno / *Estreia nacional:* novembro de 2011, Festival Lisbon & Estoril / Primeira passagem na Cinemateca.

### **Com a presença de Julian Ross.**

Aproximadamente da mesma geração de Ryûsuke Hamaguchi, Katsuya Tomita tornou-se conhecido no circuito dos festivais europeus de cinema pela mesma altura que o colega. Em ambos os casos, foi o Festival de Locarno que catapultou cada um destes cineastas para as consciências europeias. Para Hamaguchi, o filme da sua internacionalização foi **Happi awâ** (Happy Hour, 2015), título que estreou comercialmente em Portugal (apesar – ou justamente por causa – das suas mais de cinco horas de duração). De lá para cá, a afirmação internacional de Ryûsuke Hamaguchi é mais do que conhecida, culminando na nomeação para o Oscar de melhor realização por **Doraibu mai kê** (Drive My Car, 2021). O caso de Katsuya Tomita, apesar de contemporâneo, é sobejamente diferente. Ao contrário do primeiro, Tomita não tem formação académica em cinema e a sua aproximação à prática fez-se de forma autodidata e amadorística (antes de se afirmar como realizador, Tomita trabalhou na construção civil e como camionista, financiando os seus próprios filmes com as suas poupanças). Essas primeiras longas-metragens foram rodadas entre amigos de infância, nunca obtendo grande visibilidade fora do Japão. **Kumo no eu** (Above the Clouds, 2003), rodado em 8 mm, recebeu um prémio de “Melhor Primeiro Filme” no Festival de Tóquio, o que permitiu rodar **Kokudô 20 gosen** (Off Highway 20, 2007), já em 16mm. Após estas duas primeiras experiências, Tomita funda a Kuzoku, um coletivo de cineastas (aliás, literalmente, uma “tribo” de cineastas) a partir do qual se produziu o presente **Saudade** (e os títulos subsequentes do realizador), financiado com doações dos vários associados. Rodado com muito poucos meios e com uma câmara de vídeo mini-DV, **Saudade** tem a força do artesanato: despretensão, fragilidade, crueza, rudimento. Terá sido por essas características que o filme terá ressoado tanto junto da crítica europeia (recebeu uma menção especial do júri da crítica em Locarno, venceu o grande prémio do festival de Nantes, foi exibido em Portugal no festival Lisbon & Estoril, sendo que a Alfama Films, de Paulo Branco, comprou os direitos de distribuição comercial em França, onde o filme estreou, em 2012, e foi editado em DVD no ano seguinte). E, mesmo no Japão, o filme tornou-se num pequeno sucesso comercial, conquistando mais de 30 mil espectadores, e sendo destacado como um dos melhores filmes nacionais do ano pela prestigiada revista cinéfila *Kinema Junpo*. Daí em diante, Tomita manteve a sua presença em festivais e salas europeias (ainda que como menos fulgor que Hamaguchi), nomeadamente com **Bankoku naitsu** (Bangkok Nites, 2016) e, mais recentemente, com a média-metragem **Tenzo** (2019), estreada na Semana da Crítica, em Cannes.

Insisto nos aspetos biográficos e acrescento-lhes os socioeconómicos porque me parece que estes são condição necessária para se conseguir enquadrar **Saudade** numa prática híbrida, entre a ficção e o documentário. Tomita nasceu em Kofu, capital da província de Yamanashi, uma pequena cidade com menos de 200 mil habitantes, vocacionada para a indústria alimentar e têxtil e ponto nevrálgico da distribuição comercial na região. **Saudade** é um retrato coral de Kofu em 2010, momento em que as consequências da crise financeira de 2007-08 se fizeram sentir nas vidas dos cidadãos comuns, um pouco por todo o mundo. O realizador desdobra as quase três horas de filme numa série de personagens entrelaçadas, representantes de três grupos: os japoneses “nativos” de classe operária, os imigrantes tailandeses (em particular as emigrantes tailandesas – trabalhadoras do sexo, acompanhantes ou massagistas) e os japoneses de origem brasileira, de segunda ou terceira geração (nascidos no Japão, ou netos e bisnetos de japoneses que haviam emigrado para o Brasil no início do século XX). Recorde-se, a este respeito, que a maior comunidade de japoneses a viver fora do Japão encontra-se no Brasil (em especial na

zona de São Paulo), onde residem atualmente cerca de 50 mil japoneses (estimando-se que existam mais de 2 milhões de descendentes nipônicos, já com nacionalidade brasileira). Em contrapartida, residem no Japão mais de 200 mil cidadãos de nacionalidade brasileira, número que tem reduzido na última década (algo que o filme reflete de forma explícita).

**Saudade** é, pois, um fresco da vida (sub)urbana de uma pequena povoação japonesa a partir do ponto de vista dos seus grupos marginalizados: os operários pobres (presos entre o desemprego, os jogos da sorte e do azar, o sexo comprado, a bebida e o populismo nacionalista), os emigrantes laborais (vítimas da xenofobia, expatriados, estigmatizados ou exotizados) e os filhos perdidos da diáspora Nipo-brasileira (entalados entre território e cultura, e abandonados pelas duas “mães”). Tomita descreve as contaminações e os contrastes entre nacionalidades, grupos étnicos, línguas, hábitos e tradições, cerzindo uma complexa tapeçaria de assimilações e rejeições culturais – onde o estereótipo é sempre o ponto de partida com que o “outro” encara aquele que é diferente. Isso é visível na oposição entre o discurso chauvinista japonês (que ecoa na maioria das personagens “nativas”) e o desprezo que uma das personagens principais tem pelo seu próprio país; e estas duas perspectivas antagónicas dialogam com as fantasias tropicais (nipónicas) em torno da Tailândia e do Brasil (que chocam com as histórias de miséria que os emigrantes desses países carregam). Raramente se tem acesso a este Japão; um Japão periférico, descaracterizado, pobre, reduzido a uma comunidade de pessoas carenciadas de classe baixa e muito baixa, de trabalhadores precários, de vidas sem rumo e sem grandes esperanças. Sendo que este olhar é raro precisamente porque, num país onde o cinema se confunde com a indústria, poucos são os cineastas que têm a capacidade de produzir uma obra independente dos regimes estéticos e comerciais dominantes.

O que é belo em **Saudade** é a forma como o próprio filme se equipara, estética e logisticamente, àqueles que pretende retratar. Tomita filma as personagens “remediadas” de igual para igual, sem menosprezo ou mitificações. E filma-as através de um “sistema de produção” também ele “remediado”, isto é, com a mesma pobreza de meios materiais que caracteriza o dia-a-dia das personagens (e dos respetivos interpretes – esbatendo a fronteira entre uma coisa e outra). Tomita é de Kofu, aqueles são os seus amigos, ele são como ele, aqueles trabalhos e aqueles dramas são – em certa medida – os seus. A esse respeito, o realizador introduz, num jogo espelhos, a personagem de uma rapariga que regressa à terra natal depois de uns anos a viver em Tóquio, transformando essa mesma personagem numa caricatura de “exterioridade” que se impõe como uma forma de autocrítica (já que esse foi, também, o percurso de Tomita quando decidiu regressar à sua “casa de partida” para fazer este filme). Tudo, em **Saudade**, é reconhecimento. E, por isso mesmo, tudo ressoa tanto – e as metáforas de uma “arte pobre” pululam em todas as dificuldades laborais, em todos os equipamentos ferrugentos, em todas as limitações a uma vida plena e confortável. No entanto, Katsuya Tomita rompe o naturalismo que seria expectável (e que domina grande parte do filme) através de uma lógica de afastamento, construída ora através de pequenas fugas surrealistas (todas as sequências em torno da água mineral engarrafada), ora através de uma lógica de encenação artificial, onde os atores se interpretam ostensivamente, num excesso de si. Nisso e através da própria grelha narrativa que dá corpo ao filme, onde os cruzamentos são, muitas vezes, inconsequentes, mas quase sempre produtivos (as personagens nem sempre se cruzam, mas as suas histórias ecoam-se – em particular na sequência final, onde a montagem é mais expressiva e os *raccords* aproximam os dramas daqueles que partilham a mesma realidade social, mas não necessariamente as mesmas vivências).

Não posso deixar de concluir esta *folha* sem fazer uma breve referência a um filme que partilha o mesmo título e que foi realizado praticamente na mesma altura: **Saudade** (2012), de Jean-Claude Rousseau. Se é certo que estes dois filmes, apesar da coincidência do título e do ano, não podiam ser mais diferentes (um tem quase três horas, o outro cerca de 15 minutos; um é rodado em Kofu, no Japão, o outro em Lisboa; um é uma ficção híbrida com não-atores, o outro é um ensaio sobre a atmosfera de uma cidade...), também é verdade que há algo profundo que atravessa estas duas **Saudade**'s. Tanto Tomita como Rousseau começaram nos pequenos formatos amadores (8 mm) e, no início da década de 2010, renderam-se às possibilidades plásticas das pequenas câmaras de vídeo mini-DV. Tanto Tomita como Rousseau optaram por retratar cada uma das “suas” cidades a partir de olhares exteriores/estrangeiros: o japonês incluiu o ponto de vista tailandês e brasileiro, o francês desafiou o realizador japonês (!) Hiroatsu Suzuki a “protagonizar” o seu filme. Tanto um como outro procuram descrever um sentimento de *despertença*, de suspensão do tempo, de desorientação, de pacificação doente, de desalento – tudo formas de expressar os seus entendimentos da palavra Saudade.